A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor etc.

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por Casimiro Dantas.—*As prisões de S. Julião da Barra*, por Pinheiro Chagas.—*Tragedia infantil*, (conclusão), por Guerra Junqueiro.—*Soror Marianna Josefa*, (continuação), por L. A. Palmeirim.—*As estrellas...*, (conclusão), por Alberto Pimentel.—*Uma degenerado*, conto, por Eduardo Schwalbach Lucci.—*As nossas gravuras.—Em familia* (*Passatempos*).—*A rir.—Um conselho por semana.*

GRAVURAS:—*Joaquim Martins de Carvalho.—O imperador da Russia.—O imperador d'Austria.—Para que serve um «Terra Nova».—A estatua do marquez de Sá da Bandeira.—Diogenes, busto em bronze, pela sr.ª duqueza de Palmella.*

CHRONICA

Se bem me recordo, disse-te ha oito dias que cahira o ministerio, e contei-te os porquês d'esta queda desastrosa. Effectivamente disse, lembra-me agora. Só me resta noticiar que se levantou logo um outro, e que a nau do Estado —desenterremos a phrase bolorenta e estafadissima — já tem novo timoneiro ao leme, para ir singrando nos mares encapellados da governação publica.

A Chronica, mantendo um eclectismo prudente e sensato, podia hoje muito bem vir saudar a situação empoleirada e atapetar-lhe de flores as escadas das secretarias; mas receia que alguem veja n'essa homenagem um memorial para amanuense, e limita-se, portanto, a registrar o advento do governo progressista recem-nascido, sem

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

fazer zumbaias nem desfolhar papoilas na sua passagem ovante.

Parece que houve serios embaraços para conseguir organisar o novo ministerio. E não se pense que escasseavam homens; foi exactamente o contrario que difficultou a sua rapida constituição. Nunca se vio tanta gente junta a querer enfeitar-se com as bordaduras reluzentes d'uma farda ministerial. Só para a marinha contavam-se duas duzias de candidatos, e para a justiça duzia e meia. Todos quantos descompozeram o sr. Pinheiro Chagas—e sabe-se que não fôram poucos—pretendiam encarapitar-se no poleiro das Colonias. Quem mais rijo descompoz, mais direitos allegava á posse do penacho. No *restaurant* onde o sr. José Luciano destribuio á sua grei politica a sopa economica das pastas appetitosas, em vez de se pedir Colonias para um, pediram-se para um quarteirão!

Com as obras publicas, o mesmo, e tanto assim, que será forçoso desdobrar aquella pasta em duas, por um processo qualquer de physica recreativa, para acudir ás exigencias da freguezia.

Mas, *al fin y al cabo*, o governo constituiu-se, e os hymnos congratulatorios das fanfarras ministeriaes não deixam por emquanto ouvir as imprecações dos freguezes *pintados*. E' de crêr que se oiçam, quando os trombones se calarem.

Da presidencia e reino encarregou-se o sr. José Luciano de Castro. Assim devia ser, attenta a sua posição de chefe de partido. Nobreza obriga, e a montagem da machina eleitoral não é coisa que se confie a mãos inexperientes.

Como homem, o novo presidente do conselho é a personificação completa da honra. Ninguem será capaz de lançar a mais leve suspeição sobre a dignidade austera e inquebrantavel do seu caracter. Como politico, ha quem lhe ponha a pécha de faccioso e apaixonado. Como orador parlamentar, fórma na fileira dos mais distinctos e illustres, se bem que a sua rhetorica tenha uns resaibos antigos, nada consentaneos com a sua cabelleira negra d'azeviche, até hoje virgem de elixires transmutativos.

De resto, o sr. José Luciano é um trabalhadar indefesso e um estadista imminente, possuindo meritos de sobra para poder arcar com as responsabilidades da sua missão governativa.

A gerencia dos negocios da fazenda coube ao sr. Marianno de Carvalho, o Marianno do *Popular*, segundo a denominação consagrada, tão sabido em jogos de cifras, como em tricas politicas e em phrases humoristicas para remate d'artigos de fundo. Formára-se á roda d'elle uma lenda de isenção e de sacrificios heroicos, chegando a predizer-se que, á força de desinteresse e de fundo desprezo pelas honrarias e benésses mundanos, chegaria a dar entrada n'um asylo. Afinal de contas, a lenda desfez-se. Sua ex.ª entrou mas foi no ministerio das finanças, fazendo caminho por Santa Apolonia, com bilhete de correspondencia.

E entrou muito bem, diga-se de passagem. Nos tempos que vão correndo, a isenção chega a ser um attestado d'imbecilidade.

O novo ministro da guerra é o sr. visconde de S. Januario, um *gentleman* correctissimo e um caracter immaculado. Não deitou requerimento para conselheiro da corôa: fôram levar-lhe a pasta a casa, quando se esquecera da politica, para se votar despreoccupadamente ás doçuras do seu *ménage*.

Os negocios da marinha teem como secretario outro *gentleman*, o sr. Henrique de Macedo, lente da Polytechnica. Accusam-n'o de dormir demasiadamente, o que não é, de certo, um negro peccado, mas pode muito bem ser um caso pathologico assustador.

Quando sua ex.ª tomou posse do cargo, rebentou um incendio no ministerio da marinha.

Ao darem-lhe a pavorosa noticia—conta-se—o elegante ministro dormitava muito socegadamente no seu gabinete, sobre varios projectos de lei em gestação, embalado pelos murmurios do Tejo. Ergueu pouco a pouco a cabeça, e depois de olhar estremunhado para o sr. Francisco Costa, tornou a deixal-a pender na secretária, balbuciando:

—Vá-se v. ex.ª em paz, e quando o fogo chegar ao gabinete do Augusto Ribeiro, acorde-me então!

Para as obras publicas foi o sr. Emygdio Navarro, talento d'*élite*, o nosso primeiro jornalista de combate, tribuno eloquentissimo e incisivo, individualidade sympathica a troianos e gregos, a guelfos e gibelinos. E' um dos raros que devem tudo quanto são aos seus talentos e ao seu trabalho infantigavel e honesto. A *vox populi* indigitava-o ha muito para ministro, fazendo justiça ao seu extraordinario merito como jornalista e como deputado. Ahi o tem, emfim, no governo, todo elle esperanças e promessas. Está satisfeita a vontade popular.

Restam-nos apenas dois perfis, o do sr. Barros Gomes, ministro dos estrangeiros, e o do sr. Francisco Beirão, ministro da justiça. O primeiro fez parte do gabinete Braamcamp, em 79, incumbido da gerencia dos negocios da fazenda. Entrou para elle como o Messias salvador das finanças, e a despeito de toda a sua boa vontade, não conseguiu leval-as a porto e salvamento. Agora, quando lhe acenaram com a mesma pasta, abanou as orelhas e entrincheirou-se no reducto do ministerio dos estrangeiros, convencido de que é mais facil resolver um conflicto internacional com a Allemanha do que a questão fazendaria sem crear novos impostos.

O sr. Beirão, como os seus collegas visconde de S. Januario, Navarro e Henrique de Macedo, é virgem no ministerio. Deram-lhe o penacho da justiça, para não ir de palmito e capella á cova. A opposição, por emquanto, não o aggride de lança em riste, nem lhe nega os talentos, chegando a confessar que s. ex.ª é um conservador muito intelligente e um conversador muito espirituoso, mas já lhe descobrio um defeito, já lhe notou uma pécha:—chama-lhe feio.

No dizer dos seus adversarios, o sr. Beirão não tem o nariz correctamente aquilino do Apollo de Belvedére nem o perfil irreprehensivel d'um Cupido de *biscuit*. E esta feialdade, segundo elles peroram, ha de influir poderosamente na maneira de ser do ministerio, ha de reflectir-se em todos os seus actos, ha de ser o enguiço da nova situação progressista.

Feita á imagem e similhança do desformoso ministro, a magistraiura será, d'ora avante, um horror e os srs. conegos uns abortos. O bello sexo da capital, apavorado pela triste nova, não voltará a enxamear, com os bolsos replectos de memoriaes e os olhos cheios de volupia, a ante-camara do novel conselheiro, dizendo lá com os seus botões:

—Se a justiça fosse apenas cega, vá; mas cega e feia!...

Em todo o caso, o ministerio organisou-se, e para fazer face aos senões apontados no sr. Beirão, lá temos a belleza provocadora do sr. Henrique de Macedo.

C. D.

AS PRISÕES DA TORRE DE S. JULIÃO

Os primeiros governadores

As torturas que padeceram os presos de S. Julião da Barra foram verdadeiramente indignas, e não contribuiram pouco para rodear o governo de D. Miguel de uma lenda deploravel de ferocidade. Durante os cinco annos que a Torre de S Julião esteve nas mãos dos miguelistas, entraram alli seiscentos e dezoito presos politicos, entre elles o brigadeiro Claudino Pimentel, Antonio de Mello Sarria e uns poucos de irmãos pertencentes a uma familia bem conhecida, o medico da Covilhã, Neves Carneiro, o coronel Quinland, o coronel Alvares Pereira, o advogado Santos Viegas, o proprietario Antonio da Silva Canedo, o capitão Aurelio José de Moraes, que fôra o primeiro que soltára em Lisboa o grito de adhesão á revolução de Vinte, Bento Pereira do Carmo, que foi depois ministro da realeza constitucional, Silveira da Motta, o marechal Carlos Frederico Caula, Claudio Sauvinet, o conde e a condessa de Subserra, e o tenente coronel Domingos Pieres Bandeira.

Alli esteve tambem Edmundo Potenciano Bonhomme, mas essa prisão deu que fazer ao governo de D. Miguel. Bonhomme, estudante francez que residia em Lisboa, fôra preso a 18 de setembro de 1830, como liberal e sacrilego. Depois de soffrer uma pena infamante, apezar das reclamações do consul francez, foi mandado para a Torre a 29 de março de 1830. Então a França mandou a Portugal uma esquadra, que entrou no Tejo e impoz ao governo de D. Miguel uma paz vergonhosa. Bonhomme foi solto, em consequencia d'essa imposição, a 15 de junho do mesmo anno.

Citemos ainda Fernando Luiz de Sousa Barradas, que fôra ministro, Francisco Ignacio da Costa Quintella, Francisco Rodrigues Grillo, Frederico Jacob Gomes da Costa Bivar, Gilberto Antonio Rolla, o coronel Jerunymo Pereira de Vasconcellos, que foi depois barão da Ponte da Barca, Jeronymo Rogado de Oliveira, que foi depois coronel de infanteria 10, João Baptista da Silva Lopes, que escreveu a historia do seu martyrio e do martyrio dos seus companheiros, João Carlos Forman, que morreu reformado em marechal de campo, João Carlos Lara de Carvalho, que para se distrahir do tedio e das angustias da prisão ia compondo versos humoristicos, João Leandro Valladas, pae do general do mesmo nome, nosso contemporaneo, João Maria Ferreira do Amaral, o brilhante official de marinha que veio a morrer assassinado em Macau, o tenente-general Jorge de Avilez, José Ferreira Pestana, que morreu ha pouco tempo, depois de ter sido ministro e governador da India, José de Sousa Bandeira, que foi depois o famoso *Braz Tisana*, Mauuel Bernardo Chaby, o celebre Borges Carneiro, que morreu na prisão, o desembargador Macamboa, o conselheiro de Estado, Pedro de Mello Brayner, Simão Felix Calça e Pina, etc., etc.

O primeiro que estreiou a prisão, logo em maio de 1828, foi o hespanhol, D. Francisco Bermejo. Era governador da Torre, quando lá appareceu este primeiro preso, um coronel reformado, Ignacio Joaquim de Castro, que tinha mais de 80 annos.

Era um pobre homem, que já não estava no uso pleno das suas faculdades mentaes. Recebeu os presos, e alojou-os bem. Visitava-os todos os dias, mas tinha a mania um pouco desagradavel de lhes fallar de Gomes Freire de Andrade, a que assistira, segundo parece, e que não era precisamente o facto historico mais proprio para consolar os desgraçados que entravam na fortaleza d'onde elle saira para o supplicio.

Quando porém começaram os processos a affluir, e o numero d'elles augmentava todos os dias de um modo espantoso, Ignacio Joaquim de Castro julgou indispensavel proceder com mais rigor. Um bello dia poz a guarnição em armas, e mudou os prezos dos alojamentos onde estavam para as prisões abobadadas do revelim. O pobre homem queria desculpar este seu procedimento, dizendo que não fazia senão obedecer ás ordens que recebera; mas, como estava meio tonto, mostrava aos prezos o officio que recebera da intendencia da policia, e n'esse officio liam-se as seguintes palavras textuaes: «que, visto a sua participação, podia metter os presos onde estivessem com segurança.»

Vendo porém o governo de D. Miguel que um homem n'aquellas circumstancias não podia carregar com as graves responsabilidades que sobre elle impendiam, substituio-o pelo brigadeiro José Joaquim Simões, homem moderado e sensato, que, se houvesse succedido a Telles Jordão, teria o seu nome verdadeiramente rodeiado de uma auréola. Ainda assim devemos citar as boas acções por elle praticadas, para que o seu nome se não confunda com o dos miseraveis seides da tyrannia, que não faziam senão aggravar os vexames que de cima eram ordenados.

Assim, José Joaquim Simões mandava abonar aos prezos, que não tinham recursos, 400 réis por dia. Como cada vez vinham mais prezos, e só do Algarve appareceu uma leva de cincoenta, teve de aproveitar as prisões do revelim, mas arranjou-as tanto quanto póde, e attendeu sempre ás condições da hygiene.

Fez com que se estabelecesse na fortaleza uma casa de pasto, com a qual os presos, que não podiam tratar-se melhor, ajustaram por 200 réis diarios o jantar e a ceia, que Simões mandava abonar gratuitamente aos presos sem recursos.

Deixava que os presos fallassem com as suas familias, e com as pessoas que os procuravam, mas essa liberdade foi cohibida por uma ordem da intendencia de policia, datada de setembro de 1828, que mandou que os presos estivessem incommunicaveis. Simões comtudo conseguiu que a ordem fosse revogada, e elle mesmo o foi annunciar ao presos no dia 12 de outubro.

Foi tambem o brigadeiro Simões, que organisou um hospital para os presos, que estava tão bem munido quanto possivel de roupas e de medicamentos. O director do hospital era o cirurgião da Torre-Dourado.

Mas entretanto ia correndo o tempo, e o governo de D. Miguel tomava cada vez um caracter mais violento. Achavam já brando de mais o governador da Torre, e os officiaes subalternos, que queriam explorar os presos, não se podiam conformar com o systema justo e cortez do governador.

Começaram-n'o a intrigar, a dizer para Lisboa que os presos gozavam da maxima liberdade, que inclusivamente nas prisões se cantavam os hymnos constitucionaes. Mandado informar ácerca da denuncia, o brigadeiro Simões formou conselho de investigação, que não fez senão demonstrar o perfeito absurdo da accusação. O carcere, em que se dizia que se tinham cantado os hymnos constitucionaes, era habitado por officiaes superiores, homens serios e graves, que não manifestavam de certo a sua adhesão aos principios liberaes, cantando o hymno.

Destruida essa denuncia, brotou logo outra. Disse-se que os presos tinham armas nas cadeias, e que d'um momento para o outro poderiam revoltar-se. D'esta vez o governo não mandou que o brigadeiro Simões informasse; mas no dia 1 de janeiro de 1829, em que deviam chegar á Torre os destacamentos que rendessem os que lá estavam, e que eram na força de 200 homens, tirados dos diversos regimentos da côrte, appareceu com elles o tenente-coronel do 7, Guido José Serrão, que vinha revistar as prisões. Era uma prova de desconfiança manifesta dada ao governador. Conservando-se em armas os destacamentos rendidos e os que os vinham render, Guido Serrão passou revista minuciosa a todos os carceres, e é claro que nada encontrou; mas o governador estava desauthorisado, e não podia senão pedir a sua exoneração. Foi isso o que fez immediatamente. O ministro da guerra deferio logo o seu requerimento, e mandou-o governar a praça de Campo Maior, nomeando governador da Torre o brigadeiro Joaquim Telles Jordão.

A 9 de janeiro de 1829 entrou na Torre o novo governador, e mal imaginavam os presos a terrivel significação que para elles tinha esse facto simplicissimo. As prisões da Torre iam transformar-se n'um verdadeiro e lugubre inferno.

PINHEIRO CHAGAS.

TRAGEDIA INFANTIL

(CONCLUSÃO)

VII

O SONHO DE BÉBÉ

Bébé sonhava que a filha
Soltára o ultimo arranco
Entre flocos de escumilha,
De rendas, de setim branco.

Dormia ao clarão dos cirios
No seu caixãosinho estreito,
Com as mãos brancas, de lirios,
Postas em cruz sobre o peito.

Tinha a boca salpicada
De nodoas rochas e pretas...
Boca côr da alvorada,
Tornada côr das violetas!

Tinha o corpo macilento
Mais frio que a luz da lua...
Lá fóra gemia o vento,
E os cães uivavam na rua!

Bébé a um canto da sala
Jazia livida, exangue;
Seus labios não tinham falla,
Seus olhos choravam sangue.

Via a filha adormecida
No caixão, etherea e calma...
Morta!... a vida da sua vida!
Morta!... a alma da sua alma!

N'esses doirados cabellos
Não mais poria uma flôr!
Não mais tornaria a vel-os
Os seus cabellos... Senhor!

Os grandes olhos tranquillos,
Dois firmamentos, jámais,
Jámais tornaria a abril-os!...
Noite insondavel!... Jámais!

E se isto fosse mentira?!
Sim, foi!... foi tudo illusão...
Já move os labios... respira...
Oh, não está morta, não!

Mas, ai! os sinos dobrando!
Quem é que irão a enterrar?!
E' ella!!... Já vêm entrando
Os padres que a vão levar!

Choram as velhas creadas
Beijando a filhinha morta;
Ha cirios pelas escadas,
E os pobres juntam-se á porta.

Deitaram-lhe a agua benta,
Vão já fechar-lhe o caixão...
A dôr lateja e rebenta
N'uma tremenda explosão!

Bébé, pallida, caminha
Com uma heroica firmeza,
Tombando sobre a filhinha,
Como um leão sobre a preza.

Seus tristes olhos sombrios
Choram, choram sem cessar:
Que importa que sejam rios,
Se tem dentro d'ella... o mar!

Supplica, blasphema, implora,
Quer morrer, quer ir com ella!...
Dá um grito e accorda; a aurora
Batia sobre a janella.

Olha, e vê junto de si,
Oh, surpreza verdadeira!
A ex-defunta Mimi,
Já com a cabeça inteira.

Exclama cheia d'espanto:
—Como é que isto succedeu?!
Salta o pequeno d'um canto,
E diz-lhe rindo:
—Fui eu!

GUERRA JUNQUEIRO

SOROR MARIANNA JOSEFA

(1702 — 1 80)

(CONTINUADO DO N.º 32)

Esteve D. Marianna de Menezes para casar, a primeira vez com Fernão Telles, seu primo co-irmão, que veiu a ser depois o 4.º marquez d'Alegrete. Este casamento desfez-se *sem haver razão f rte que a isso obrigasse*, deixando portanto a pecha de leviandade no caracter de um dos dois primos.

Projectou segunda vez D. Marianna casar com D. Francisco d'Assis Mascarenhas, conde de Palma, filho do conde d'Obidos e e de Sabugal. Ignoram-se as razões que teve o conde d'Obidos, então meirinho-mór, para se oppôr tenazmente ao casamento do filho, *a ponto de pretender prendel-o n'uma torre!* A não ser, o que não é crivel, que o conde d'Obidos quizesse poupar D. Marianna aos provaveis desaguisados de um casamento com seu filho, inseparavel companheiro das aventuras amorosas de D. João V, a sua opposição menos que moderada aos seus projectos, lança um certo desfavor, embora immerecido, sobre o caracter da filha dos condes de Tarouca. Este pretendente á mão de D. Marianna, falleceu a 18 de fevereiro de 1718, contando apenas 24 annos, sendo possivel que a sua curta edade, fosse a razão invocada pelo conde d'Obidos para frustrar as pretenções do filho.

Pela terceira vez foi D. Marianna de Menezes pedida em casamento por José de Vasconcellos e Souza, 4.º conde de Castello Melhor. Fizeram-se algumas solemnidades do costume, *como foi a primeira visita, mas não chegou a haver escripturas.* Desmanchou-se este casamento, por haver o pai de D. Marianna faltado a alguns deveres da etiqueta para com o pretendente de sua filha, indispondo-se por esta razão as duas cazas, de Tarouca e de Castello Melhor. O biographo accrescenta com um certo prazer que não sabe disfarçar: *Emfim foram innumeraveis as vezes que foi pedida, e dada para esposa, e outras tantas as que se mallograram os ajustes.»*

Até aqui as profanidades mundanas, aggravadas pelas tentações da vida da corte. Agora vamos vêr como D. Marianna, depois do malogro dos seus tres projectos matrimoniaes, foi tocada pela divina graça, resolvendo fazer-se freira, quebrando para levar por deante o seu proposito com os laços sagrados da familia, e menospresando as lagrimas maternas.

Era no seculo passado festa obrigada de todas as familias o ir vêr desfilar a procissão do Corpus Christi, das janelles das casas dos seus conhecimentos, quem não tinha a boa fortuna de morar em sitio por onde a procissão fizesse o seu transito official. Seguindo a moda do tempo, a condessa de Tarouca foi levando comsigo duas de suas filhas, D. Thereza e Marianna, ver passar a procissão de casa de D. Clara de Mansuelos, onde estava tambem o padre frei Manuel de Deus, já nosso conhecido, que em santa palestra se deixou ficar com as damas, já depois da procissão haver passado. Da bôa prosa do biographo de D. Mariana extrahimos, dando-lhe a forma de dialogo, a seguinte conversação em que entram como actores principaes a condessa de Tarouca, suas duas filhas D. Thereza e D. Marianna, e o padre frei Manuel de Deus, formado na escola ultra-mystica do ascetico frei Antonio das Chagas.

PADRE. Senhora D. Thereza, vá-se preparando para ser carmelita descalça.

D. THEREZA. (Sobresaltada d'alegria) Quem? Eu! Padre Frei Manuel!

PADRE. Pois que? Admira-se! Vá pensando n'isso com o seu vagar.

D. MARIANNA. (Entrando em scena) E então, eu, meu padre

PADRE. (Seccamente) Mereça-o.

CONDESSA. (Ferida no seu amor de mãe) Que está dizendo Frei Manuel! Que conselhos são esses que está dando a minhas filhas?

PADRE. Tão maus são elles, senhora Condessa? Desejar-lhe duas filhas para esposas de Jesus Christo?

O biographo de D. Marianna, que foi, como nós já sabemos poço sem fundo em artimanhas piedosas, commenta assim o caso que acabámos de transcrever: «*A condessa, que tinha bom juizo e muita christandade (ainda que n'este lance pareceu prevalecer a carne e o sangue) avaliando bem tão solida reflexão, não teve outro remedio, que acolher-se aos subidos motivos da prudencia.*»

Das duas allucinadas filhas da condessa de Tarouca, a que primeiro deu entrada no mosteiro de Carnide foi D. Marianna, arrastando mais tarde com o seu exemplo sua irmã mais nova, D. Theresa, depois de ambas *o haverem merecido*, segundo a laconica phrase do Varatôjano, que com o maximo desabrimento rasgára o coração da condessa Tarouca, roubando-lhe as duas unicas filhas que lhe restavam solteiras.

Quer o compilador das obras de Soror Marianna de Jesus, chamamos-lhe já assim, que ella se deixára levar para o claustro por uma irresistivel vocação, e cita em abono da sua opinião, á mingoa de provas mais positivas, o soneto da freira, que principia:

«Não te conhece, ó mundo, quem em ti está»

que em nosso entender tal coisa não significa. O soneto, diga-se a verdade, está longe de ser um primor d'arte, mas vamos transcrevel-o sem o mutilar, para que se veja que a filha da orgulhosa condessa de Tarouca entendia, já depois de entrada no claustro, *que se podia salvar quem andava no mundo*, e que fôra só por vêl-o *a uma certa luz, que se via obrigada a fugil-o!*».

Eu, que n'estes, e em outros assumptos, tenho a incredulidade do meu seculo, penso que Soror Marianna Josepha fugio da sociedade despeitada com os homens, que apesar dos seus formosos olhos, e dos seus magnificos cabellos, a iam arriscando a ficar solteira.

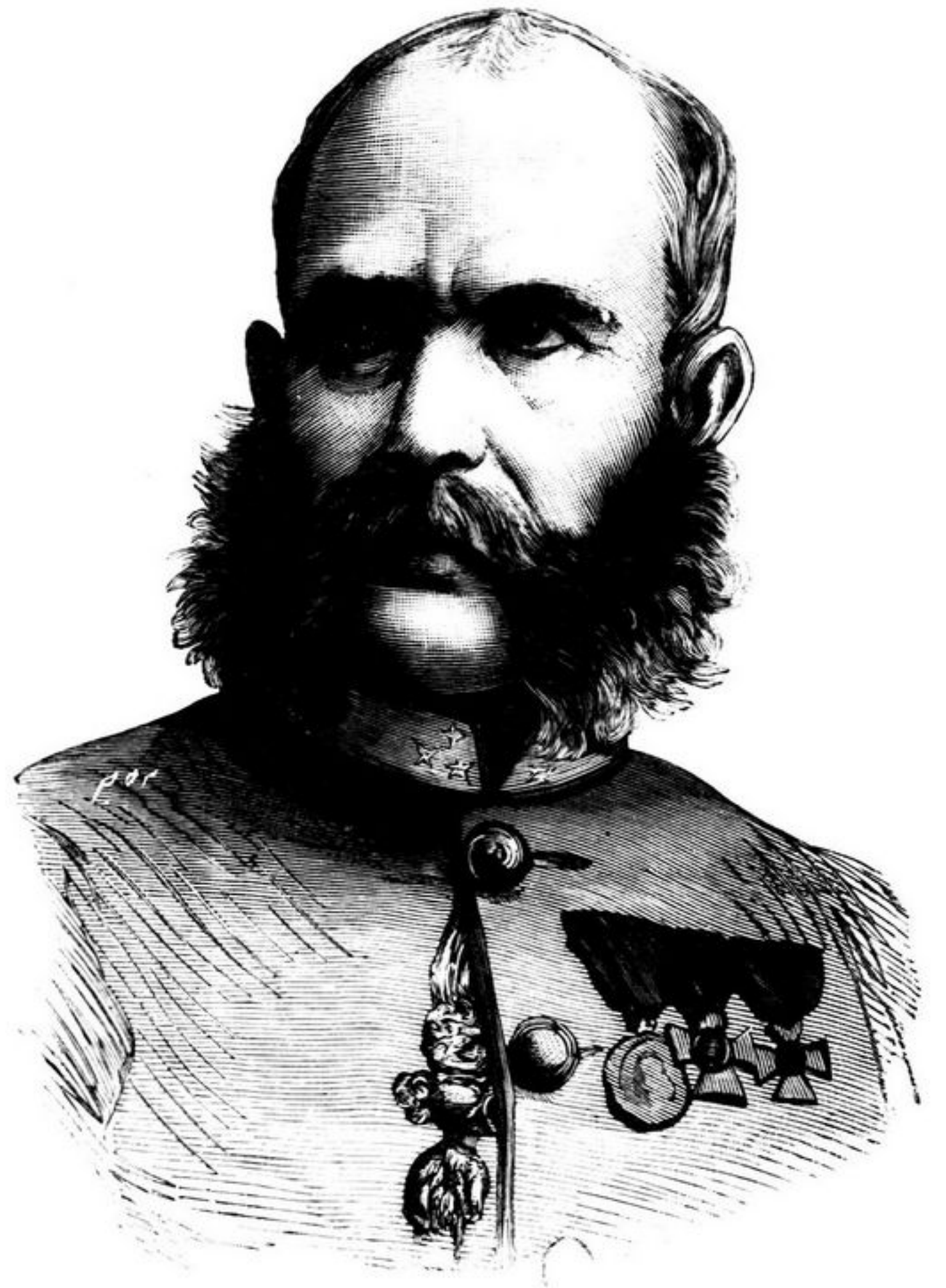
Ahi vae o soneto Leiam-n'o com attenção:

Não te conhece, ó mundo, o que em ti está.
Quem fóra de ti vive é quem te vê;
Ai quem dizer pudera a todos, que
E' vaidade, é engano o que em ti há.

Ouvi, ó Irmãos meus, que viveis lá,
A quem de lá fugio, e só por que
Uma luz lhe fez ver o que isso é,
E lhe disse uma voz o que isto é cá.

Não vos quero dizer que só aqui
Se alcança a salvação; pois certa estou,
Que vos podeis salvar estando ahi.

Sò vos direi o horror que me ficou.
Quando *com certa luz* o mundo vi,
Que foi o que a fugil-o *me obrigou.*

O IMPERADOR DA RUSSIA

O IMPERADOR D'AUSTRIA

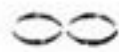
A filha da condessa de Tarouca, D. Marianna, era confessada do padre Paulo Amaro, da extincta Companhia de Jesus, velhaco consummado ao que parece, que não hesitou em animar a rebeldia da filha contra os preceitos maternos, debaixo do sigillo da confissão, não se esquecendo, por excesso de prudencia, de consultar o geral da Ordem sobre o melindroso caso, pedindo-lhe a sua approvação para, diz o astuto biographo, *pôr confiadamente mãos á sua grande obra*... a de roubar uma filha aos desvellos e carinhos maternos.

Para poder andar ainda com mais segurança, foi o padre Amaro entender-se com Fernão Telles da Silva, primo com irmão da pomba que o abutre pretendia empolgar.

Este Fernão Telles da Silva, a quem não quero roubar a gloria que lhe coube na resolução que sua prima D. Marianna tomou, era doutor de capêllo, deputado do conselho geral do Santo Officio, e andava já indigitado para futuro reitor da Universidade de Coimbra.

O padre bem sabia a que porta ia bater. O deputado do conselho geral do Santo Officio ouviu de boa feição as confidencias do jesuita com relação aos intentos de sua prima, e deu-lhe de conselho que se fosse entender com a marqueza d'Angeja, D. Luiza, irmã mais velha de D. Marianna, que tambem não hesitou em entrar no nefando conluio, urdido pelo padre Amaro, e já auxiliado por Fernão Telles da Silva.

Tempo antes, tinha a marqueza d'Angeja levado suas duas irmãs ao convento dos carmelitas de Carnide, ás escondidas de sua mãe, *que andava já com grande susto e desconfiança das intenções de suas duas filhas, e por intermedio do padre Frei Gregorio de Santo Alberto, mandado pedir o habito e preparar quanto fosse necessario para a execução de tão santo, como heroico proposito*, o de enclausurar sua irmã no convento de Carnide, abrindo caminho á que ainda restava em companhia de sua mãe, animando-a a seguir o exemplo da que primeiro fôra votada ao sacrificio.

(*Continúa*) L. A. PALMEIRIM.

AS ESTRELLAS...

(CONCLUSÃO)

IV

Um commendador, um palacio...

Estamos no Porto, na rua de Cedofeita.

Mas, senhores, como é que nós sahimos de Amares tão subtilmente que nem que viajassemos n'um briska aereo, afofado de sedas molles e macias?

Já nos suppunhamos em plena aldeia, ouvindo um conto do sitio, e vae senão quando, cahimos na cidade, em casa d'um commendador.

O Garrett embicava com os barões e morreu visconde; quasi lhe cahiu a praga em casa. Eu, que no meu exemplar das *Viagens* substitui a palavra *barão* pela palavra *commendador*, paguei o arrojo da emenda com os ter diante dos olhos em qualquer parte que esteja.

São tantos, e alguns tão differentes!

Nem todos felizes, isso não..

Mas a historia está parada e é preciso contal-a.

Antes de entrarmos no palacete esplendido e sumptuoso, fiquemos a conversar á porta sobre coisas que importa saber.

Manuel Bento e Anninhas? Precisamos fallar d'elles. Isso é que é preciso saber, e deixemos em paz os commendadores.

Então ahi vai. O lavrador do Pedral tinha no Brazil um irmão pôdre... de rico, como se dizia em Amares. Deliciosa podridão! Não escrevia, não se sabia até se ainda se lembrava do sitio em que nascera. O Manuel Bento, quando casou, acalentando sempre as suas ambições, calou-se muito calado e escreveu ao brazileiro, dando-lhe parte do enlace com a sobrinha.

Ninguem soube de nada, e, passados onze mezes, morre no Brazil o ricasso e deixa Anninhas por herdeira. O regedor deu um salto; Amares inteira benzeu-se.

E o Manuel Bento a rir-se, a rir-se, a mandar fazer casa no Porto, a comprar mobilia, a chamar professores para a mulher, e a sahir... commendador...

Novo salto do regedor infeliz

Decorreu tempo e o commendador Manuel Bento apparecia em toda a parte, e occupavam-se d'elle as gazetas.

Verdade é que não era parvo nenhum; que fallava e escrevia correctamente, e que tinha muito amor pela leitura, pelas bellas artes tambem.

Além d'isto, era uma boa alma, já sabemos. Sempre teve ambições, é certo; mas ter um defeito não é ser inepto.

Foi mesario da Misericordia, elegeram-n'o ministro... de S. Francisco, sahiu moço fidalgo da casa real, e cada vez mais commendas a constellarem-lhe o peito...

O dr. Nascimento,—a unica relação d'Amares que não engeitou—dizia-lhe ás vezes, quando vinha ao Porto:

—Manuel Bento, evite esta hypocrita sociedade que o anda a lisongear para ter entrada nas suas salas. Não queira mais commendas, não queira mais fitas. Para que desceu os olhos do ceu? perguntava sorrindo.—Olhe que era melhor contemplar as estrellas do ceu e não as conhecer, que ter o peito cravejado das estrellas da terra e não as conhecer tambem, e o Manuel Bento não as conhece. As do ceu deixam um rasto de luz; as da terra um rasto de tristezas .. Oxalá que eu me engane, e que as constellações do seu peito não hajam do orvalhar-se de lagrimas. Saia d'aqui, Manuel Bento...

—Porque? Sabe alguma coisa, doutor?

—Não sei nada e sei muito. Sei que não póde ser aqui feliz. Venha para Amares, conserve lá o fausto que tem aqui, e não receie que não chegue ao Porto, a Lisboa até, o echo das suas grandezas...

—Amares! Uma terra pequena, uma sociedade fastidiosa, o regedor, o boticario...

—E eu.

—O doutor bem sabe que não entra na conta. Eu nasci para mais...

—Talvez, porque ainda não foi infeliz... Pois em Amares tenho eu a certeza de morrer tranquillo, se não fôr de cocegas, porque o regedor está cada vez mais boçal. Aqui, no seu palacio, commendador, com a sociedade que o cerca, não queria eu viver nem uma semana... Quer saber? O Pedral, passei lá ha pouco tempo, está bonito, florido, um verdadeiro idyllio. Faça no Pedral uma casa com todas as commodidades possiveis, cace no Gerez, pesque no Cavado, compre bilhares, (e n'isto sou conselheiro perdido, porque tambem interessava) tenha cavallos, mande vir um landau que o passeie por Braga, por Guimarães, por Vianna, pelas nossas estradas do Minho, que não são ainda as peiores, mas, por Deus, não queira mais venéras, não acceite mais distincções. No Porto tem de comprar as flores com que enche os seus salões; no Pedral haviam de subir-lhe ás janellas e entrar-lhe pela casa dentro, ellas, as verdadeiras estrellas dos campos. Os homens quizeram em sua vaidade enfeitar-se, como a natureza enfeita as sebes, e lavravam flores d'ouro e de prata, exclusivamente para elles. Estrellas falsas, como as do theatro! As verdadeiras são as que estão accêsas no céo, e as que desabrocham na terra...

—E Anninhas? Senter-se-hia morrer de tedio em Amares, no campo, na solidão!

—Na solidão! Onde estão dois não ha solidão. E não nasceu ella no Pedral, entre aquellas flores n'aquellas varzeas? E' verdade que já creou ambições depois que de lá sahiu, que leu, que estudou, que viu, e ouviu... O que se deve extinguir, extinga-se hoje; amanhã, a saudade mergulharia no coração mais uma raiz... Era mais uma dor para soffrer.

V

Resplendem por noite de baile as vastas salas do commendador Manuel Bento. A gentil dona da casa passeia a sua elegancia de braço dado com os convidados, homens de cabelleira frisada e monoculo. O commendador conversa na sala do jogo dirigindo-se amavelmente aos que jogam e aos que vêem jogar. De muitas casacas pendem umas estrellas que lampejam ao reflexo dos candelabros. As estrellas do ceu esmaieceram d'envergonhadas... talvez.

Anninhas foi-se deixando levar pelas magicas palavras d'um litterato portuense até á sala azul. O litterato ficou de pé, encostado a um *tremeau*, onde estava o album dos versos, encadernado em velludo carmezim. Anninhas deixou-se cahir negligentemente n'uma ottomana.

O LITTERATO

Até que finalmente estamos sós, longe d'essa multidão que falla a linguagem cortezã das salas—que mente, queria dizer, e não ousava.

ANNINHAS, *distrahida, esfolhando uma flor do bouquet.*

Que... mente?

O LITTERATO

Que mente, sim. Só as flores que se consultam e os corações que se amam, é que fallam verdade. O que o meu coração diz, sei eu.. (*Com olhar perscrutador*) O que disse o oraculo que v. ex.ª acaba de consultar, a flor que desfolhou, vae v. ex.ª dizer-m'o, que lh'o peço eu. De certo disse o mesmo; coração e flor fallaram a mesma linguagem... Eu trouxe o *bouquet* de v. ex.ª perto do meu coração; deviam confidenciar e entender-se...

ANNINHAS, *levantando vagarosamente a cabeça*

O que me disse a flor? Ora o que póde dizer uma flor desfolhada impiedosamente?! Que nasceu, que vicejou, e que morreu... Pobres petalas (*inclinando o olhar para o tapete*) dispersas pelo

PARA QUESERVE UM «TERRA NOVA»

chão, como outras tantas esperanças sacudidas da alma em que brotaram pela aza da tempestade!

O LITTERATO, *atalhando*

Ah! e disse-lhe isso a flor? Então v. ex.ª não a consultou por mim... por v. ex.ª tambem não. Se foi sua a tenção, devia dizer-lhe a flor: «Eu estava presa ao *bouquet* e pude soltar-me». Se foi minha, disse-lhe de certo: «Aqui me tens, bem presa nas tuas mãos, adora-me ou aniquila-me.»

ANNINHAS

E desfolhei-a, bem viu. Aniquilei-a...

O LITTERATO

Oh! não a aniquilou, não. Quiz affastal-a, quiz impellil-a para longe e as petalas não sabem, não podem fugir-lhe, beijam-lhe a orla do vestido... *(Abrindo o album e procurando uma penna no tinteiro de charão. Começam a ouvir-se os preludios d'uma valsa.)* V. ex.ª não dança provavelmente esta valsa?... *(Conversando e escrevendo).* Se as petalas, se estas petalas que juncam o chão podessem prendel-a aqui!... E se fosse, se quizesse ainda lançar-se no turbilhão da dança, quem disse a v. ex.ª que, ao voltar, não as encontraria como tivessem ficado, esperando-a silenciosas? E' que se podem amar, não podem exigir que fique, que se esqueça da valsa...

ANNINHAS

Está-me talvez retratando?

O LITTERATO

Estou deixando voar a penna, impellida pelo coração.

A VISCONDESSA D'OUTEIRO, *entrando na sala*

Ah! estavas aqui, minha amiga! Estonteou-me a valsa; venho respirar livremente.

ANNINHAS, *com tranquillidade*

Estou de sentinella a um grande preguiçoso. Só com sacrificio d'algum tempo posso enriquecer o meu album.

A VISCONDESSA

Comprehendo... Exigiste o cumprimento d'uma promessa, que ficaria insoluvel, se não impozesses amavel intimação...

ANNINHAS

Adivinhaste.

A VISCONDESSA

Escolheste bem o logar e a occasião...

O LITTERATO, *que parece ter estado distrahido.*

O logar e a occasião, disse bem v. ex.ª. Onde poderia eu encontrar mais suave inspiração...?

A VISCONDESSA, *atalhando e sorrindo*

Do que nos olhos que o allumiavam?

O LITTERATO

E nos labios de v. ex.ª que sorriem?

O DOUTOR NASCIMENTO, *á porta monologando.*

Manuel Bento, Manuel Bento, quem te dera não conhecer as estrellas!

VI

O doutor Nascimento, mal que se levantou da mesa do almoço, foi, espicaçado pela curiosidade, fumar e folhear o album na sala azul. Instado para assistir ao baile, não pôde recusar; devia porém voltar para Amares no dia seguinte.

O commendador desceu ao escriptorio, Anninhas retirára-se aos seus quartos. O doutor estava só, absorto em profundas meditações, de charuto ao canto da bocca, com o album poisado sobre os joelhos, quasi sem ter coragem de abril-o, ou sem ter tempo para isso, a pensar, a pensar...

De repente pareceu saltar na ottomana, e immediatamente desapertou os broches doirados do album.

Passou uma folha, duas, tres... parou.

Estava a pagina toda escripta d'uma letra enrevesada;—era o que o litterato tinha *griffonné*, horas antes, quando se espreguiçavam pelas salas as musicas alegres do baile.

Dizia assim o que estava escripto:

«As estrellas... O que são as estrellas?
«Flores que desabrocham no ceu?
«Almas que resplendem de luz divina?
«Candelabros da abobada infinita?
«Concreções luminosas da cupula etherea?

«Sejam o que fôr, as estrellas.
«Não houve ainda cousa mais brilhante, mais formosa, mais «doce...
«Se nós as tivessemos, nós, os homens!...
«Sempre nos fizeram inveja, sempre as quizemos ter.
«E nem as creanças se esquivam a similhante desejo...
«Como ellas estendem o braço para despegal-as, pensando «que não fica longe o ceu!...
«Como ellas querem dar caça aos pyrilampos, porque são «umas estrellas que voam!...
«Como ellas anceiam por colher as flores, porque tambem «parecem umas estrellas engastadas em moldura d'esmeralda!...
«Sempre nós as quizemos ter...
«De que se fazem os collares senão de pedras scintillantes «como estrellas?
«Teem a phosphorecencia do mar...
«E o espelho dos lagos...
«E a suavidade dos horisontes limpidos...
«E o amor e a melancolia...
«E a saudade tambem...
«E tudo quanto ellas resumem de incomparsvel e d'ethereo «está nos teus olhos...
«Se ellas scintillam, elles tambem...
«E elles e ellas endoidecem...
«E perdem, e fascinam...
«E os teus olhos e as estrellas brilham no mesmo ceu, no «mesmo azul purissimo, na mesma tela serena...
«E as estrellas guiam e salvam, e os teus olhos são irmãos das estrellas...»

—O que são as estrellas? pensou o doutor Nascimento, levantando a cabeça, o que são as estrellas? Para ti, pobre commendador, são a fatalidade, sempre o foram!...

Sentiu rumor, voltou-se... Era o commendador que entrava visivelmente preoccupado, sensivelmente inquieto.

—Ah! doutor, está lendo o meu album! pronunciou elle como sem consciencia do que dizia.

—Folheando e fumando...

—Eu...

—Que tem, está agitado?!

—Ameaçado, melhor diria.

—Ameaçado?

O commendador não respondeu, foi á porta, correu o reposteiro, e approximou-se outra vez.

—O doutor é meu amigo, é um homem de bem. Não tenho com quem desabafar, e todavia preciso fazel-o. Chegou a hora de realisar-se a sua prophecia. E eu não cuidei que chegasse, nem tão depressa, nem nunca... Sinto que a infelicidade me procura. A infelicidade!... Melhor diria a deshonra. E' preciso fugir-lhe, já, immediatamente, emquanto é tempo.

—Mas...?

—Estive abrindo a correspondencia e, entre as cartas que recebi, vinha uma que não era para mim... Que não era para mim, entende, doutor? Desviou-se, talvez. Quiz o acaso ou a Providencia que me chegasse á mão. Tinha-a escripto alguem, um homem que esteve ainda hontem n'estas salas, porque elle mesmo o confessa, evocando as recordações do baile...

E sentava-se, offegante, aproximando a cadeira do doutor Nascimento.

—Partiremos ámanhã todos para Amares. Anninhas está doente... Vou procurar o remedio onde só agora o posso encontrar. Talvez que o Pedral lhe restitua os bons sentimentos d'outro tempo. Talvez m'a restitua como foi no passado. E' preciso salval-a, e a doença está aqui, nos bailes, na sociedade, em tudo isto que a cerca. Quero despedir-me dos meus criados, emquanto posso olhar para elles... Fecharei as portas, mandarei vender tudo. E' preciso que fuja; fugirei ámanhã.

O doutor Nascimento não tinha coragem para fallar, estava commovido, perplexo. Fez um movimento para poisar o album na mesa, aberto como o tinha, sem se lembrar do sitio em que estava lendo...

Não viu o que fazia, nem sabia, De repente o commendador arrancára-lh'o das mãos, n'um impeto violento.

E' que conhecera no album a letra da carta.

VII

Quando appareceu fechado o palacete do commendador Manuel Bento, dois dias depois do baile, inesperadamente, sem avi-

so, sem os jornaes terem apregoado uma excursão ás caldas ou uma viagem ao estrangeiro, deu se rebate na visinhança e perderam-se em conjecturas os moradores da rua de Cedofeita.

Semanas volvidas, quando os jornaes annunciaram o leilão, cresceu o pasmo, phantasiaram-se tragedias, melodramas, casos d'escalada, historias de escadas de seda, coisas pantafaçudas e tenebrosas.

E o caso é que o commendador fugira com o seu segredo, sem se despedir de ninguem, sem dar indicios de partida.

VIII

Tres mezes passados, vamos encontrar o commendador Manuel Bento na casa do Pedral, um pouco reformada sim, mas pittoresca como sempre. No ar tudo são murmurios, delirios, das borboletas, genios amorosos que voam de flor para flor. Na terra tudo é matiz, filagrana de tecidos vegetaes, verduras e boninas —paizagem tudo!

Declina a tarde; começa a ouvir-se o frémito mysterioso da noite... O doutor e o commendador Manuel Bento descem a sombria avenida da quinta conversando, confidenciando... Ouçamol-os.

—Anninhas está curada, doutor, não está? Estas eram as arvores da sua infancia, viu-as, conheceu-as, amou-as. O jardim é só d'ella, de mais ninguem; não consente mão estranha nas suas flores. Sinto-me feliz e tranquillo. Bem m'o dizia o doutor, e mal o acreditava eu! Pois não acha Anninhas a mesma que era de antes, sem saudades de um sonho que passou?

—O Manuel Bento tem-se havido como habil medico, soube remediar o mal e era ainda tempo, sobre tudo, era ainda tempo. Se a boa alma se despenhasse, a quem devia a quéda? A' imprevisão do marido, não a ella mesma, que não conhecia o mundo, nem as salas, nem a vertigem do abysmo. Quando o vi partir, tive pena; conhecia que deixava a sua felicidade entre estas serras. A sociedade é estupida e má—estupida porque não sabe comprehender que se póde ser feliz sem ella:—má, porque não tem crenças, nem fé, nem amor... Se o filho oscular a medalha que encerra o retrato de sua mãe nos mais doloroso extasis da saudade que chora sobre um tumulo, a sociedade ri. Se o homem arrosta com a tempestade infrene da pobreza para arrancar ás vagas revoltas o cofre da propria honra, a sociedade ri. Se a despreza, ri; se a respeita, ri tambem. Melhor é então que a besta-fera se espoje a arrastar o nosso nome na lama, sem que nós vejamos, sem que sintamos, sem que nos possa roubar...

—Tem rasão, doutor.

—Deixemos o thema que não convida. Lindas noites estas! Vamos sentar-nos onde possamos esperar as estrellas. As estrellas, Manuel Bento, as estrellas!—Repetiu sorrindo. As da terra, as que os homens crearam, trahiram-n'o. As do ceu, que são as de Deus, offerecem-se á sua admiração como um prodigio e um phanal em mar aparcellado. Sabe? Esta tarde estive lendo litteratura e lembrei-me de si...

—Diga, doutor...

—Tirei da minha estante as *Cartas do Cavalleiro d'Oliveira* e topei com algumas linhas que pareciam dizer-lhe respeito...

—A mim?

—E' verdade. Dei-me ao trabalho de decoral-as para que tambem as confie á memoria, Manuel Bento. «Porque alguns dos planetas nos são contrarios nem por isso poderemos negar que os outros nos são propicios. O mesmo homem perseguido pelas estrellas oppostas não deixa de conhecer a existencia das benevolas. Por mais parentesco e por mais amisade que achemos na genealogia resplandecente das luzes, não ignoramos as differenças das suas qualidades.»

ALBERTO PIMENTEL.

UMA DEGENERADA

(A PINHEIRO CHAGAS)

I

Havia alguns mezes que Mathilde soffria d'uma affecção pulmonar; a medicina prescrevera-lhe que fosse para o campo e que evitasse o mais possivel sensações de qualquer genero.

Das prescripções cumprira apenas a primeira parte, como uma novidade—ella nunca sahira da capital—;na segunda nem sequer se pensara.

Mathilde tinha 18 annos e o seu temperamento, segundo dizia, necessitava de sensações, e quanto mais fortes melhor. Filha unica, fôra estragada pelo mimo da familia, e como adubo para a sua intelligencia servira-lhe o pae o enthusiasmo pela republica em que lhe exaltara as idéas. A rapariga passou além das theorias paternas e saltou para o socialismo. Lia o *93* e detestava o *high-life* do *Illustrado*, onde ainda não conseguira figurar. Sobre a sua mesa de costura, onde os systemas de *crochet* tinham sido substituidos pelo *Systême physique et moral de la femme* por Roussel, encontrava-se Proudhon em intima convivencia com Pecqueur e Bounin.

Quando Mathilde ouvia fallar em *soirées* deslumbrantes, quando lia as descripções dos bailes Palmella com orchestra de Tziganos, chegava a sentir nos ouvidos os sons dos seus caprichosos instrumentos, d'onde se desprendiam notas de walsas entontecedoras; o seu espirito era vencido por um sentimentalismo *coquette* que—pensava—se devia respirar em todos os bailes, e deixava-se adormecer docemente n'uma sensualidade de creoula provocada. Vendo, porém, que o pae a não podia levar a esses bailes, odiava-os com o furor phrenetico de quem ama e não pode possuir.

Mathilde enthusiasmava-se, a cima de tudo, com a emancipação da mulher, e receiava o casamento—sujeição eterna!

A' noite, quando se despia e no espelho do guarda-vestidos, com um cuidado amoroso, observava a sua pelle d'um branco de marfim, onde uns signaes muito negros destacavam entre a alvura dos seios, quando seguia as formas esculpturaes do seu corpo desenhadas por umas linhas sinuosas de provocação, e passava os dedos delgados e nervosos pelos seus cabellos castanhos cobrindo-a quasi toda, como uma *sortie de bal*, então sentindo-se radiante e invadida por um intenso goso de poderio, estendia os braços para o crystal n'um desejo lubrico de se abraçar e de se beijar toda, como ao ente mais seu querido.

E depois o eterno costume da mulher ser pedida em casamento e nunca o homem! Ella sempre a protegida, elle sempre o protector!

Havia uma idéa que a assustava horrivelmente—a de ter um filho! Acceitava a maternidade apenas como um encargo, nunca como uma satisfação, um dever a cumprir, um goso casto a desfructar! Teria de repartir o seu affecto por dois. E marido—um eterno companheiro! Quem pode affirmar honestamente que não destestará amanhã o que hoje adora? A prova estava na Amelia —a sua melhor amiga de collegio,—casara por paixão, havia um anno, e já tinha um amante!

A sociedade fôra mal organisada, tinha preconceitos banaes, que era necessario destruir; estava pôdre na base. A religião era umi diotismo; culto, respeito e crença só podiam existir no coração, n'um sanctuario ali edificado por um ente escolhido pela sua força e talento—o vigor da materia fortalecido pela pujança intellectual. Nada de amores banaes! Amar o mais impossivel! Se fosse homem e tivesse existido na epocha dos conventos, ter-se-ia enamorado d'uma freira! Uma religiosa, onde supplantasse o amor de Christo pelo seu, seria uma conquista soberba! Vencer um rival de vulto—um Christo!

Amava e queria a lucta com a sociedade. Não acreditava em ceu nem em inferno; o que sentia era a febre de desejos excentricos. No collegio, entre as suas companheiras, tivera affeições violentas, impetos de paixão e soffrera dissabores.

O pae desnorteara-lhe o cerebro; fallara-lhe muito em fraternidade, despertara-lhe um forte desejo de ligações.

Se fosse muito rica, seria uma heroina; assim não passava d'uma degenerada.

Gostaria em extremo de se mostrar um dia á sociedade com um amante, mas illegal: um homem que ella lhe roubasse, para mostrar um desinteresse ficticio e um pretexto para continuação.

Assaltava-a tambem a febre do luxo, a necessidade de se afogar em ondas de sedas, velludos e rendas; queria mergulhar-se n'um occeano de cousas caras, cheia de brilhantes, de perolas, de esmeraldas—de esmeraldas!—que ella tanto cubiçava!

No theatro tinha, ás vezes, tentações desesperadas, que lhe custavam a domar, ao ouvir *tiradas* sentimentaes dos actores e ao ver o coquettismo barato das actrizes.

Sonhava com grandes salões, com uma ambição de gulosa, de devorar tudo. Queria ver-se em grandes espelhos, com os hombros nus, muito decotada, alvejando entre as casacas negras dos admiradores, em salões principescos, para onde se entrasse por escadarias sumptuosas, calcando tapetes caros que lhe escondessem os pés entre o pello. Phantasiava moveis raros, estofos caprichosos, plantas exoticas, um luxo extraordinario e sensual; e como o não podia obter, dedicava-lhe um odio profundo.

Passava quasi todo o dia e noite fechada no quarto, a encher o cerebro de mil idéas extravagantes. O rodar dos trens, os pregões dos vendedores, os realejos, esse *brouhaha* produzido pelo vai-vem quotidiano irritavam-a; queria estar só, a pensar, a odiar, com um desejo felino de pôr em acção os seus dentes brancos de gata gulosa.

Gostava immenso de se entregar ás suas meditações, e por isso aceitara o campo, como um isolamento; e refugiara-se em Alemquer, em casa do vigario—um bom amigo de seu avô—que lhe contava historias do tempo dos francezes e de façanhas de outras eras.

II

Regressavam da festa da Triana. O vigario caminhava na frente, a passos rasgados, ostentando a robustez deveras invejavel dos seus 70 annos; a seu lado o pae de Mathilde discutia acaloradamente a abolição do baptismo.

Seguiam-se a ama—a sr.ª Thereza—,Mathilde e o sobrinho do vigario—um guapo rapaz de 22 annos, trigueiro, possuidor de uma bella cabeça, typo elegante e sympathico—que estava em vesperas de receber ordens.

A poeira da estrada levantava-se em ondas, que redemoinhavam, indo depois fustigar a cara dos caminhantes.

Carlos—o sobrinho do vigario—vinha censurando o sermão que o prior d'uma freguezia proxima prégara na festa da Triana; achava improductivo o abuso dos dogmas, não approvava esse meio de incutir a religião.

Mathilde ria muito dos dogmas e da religião—tudo uma hypocrisia, uma falsidade! Carlos defendia-se, ella tornava a atacal-o com mais ardor, e a rhetorica assentou arraiaes.

A meio do caminho pediu-lhe o braço e encostou-se novamente. A discussão continuou; ás vezes, no ent usiasmo d'uma phrase calorosa, a sua cara chegava-se um pouco á de Carlos e o seu halito roçava-lhe as faces. Iam, estrada fóra, completamente entregues um ao outro, imaginando-se entregues ao assumpto de que tratavam. Já mui to perto de casa, deparou-se-lhes em frente um montão de pedras. Ella largou-lhe o braço e saltou a pés juntos o obstaculo, desafiando o sr. clerigo a tão grande arrojo. No salto fugiu-lhe do pé um sapato que foi cahir sobre as pedras; quiz abaixar-se para apanhal-o mas já Carlos o tinha na mão.

Mathilde poz a ponta do pé sobre uma pedra, e com uma *pose* muito *coquette*, disse-lhe:

—Sr. de Aramis queira calçar-me o sapato, com perdão da Santa Madre Egreja.

Carlos ajoelhou, e sem que os seus dedos tocassem sequer ao de leve no pé que lhe offereciam, tentou em vão calçar-lhe o sapato.

—Mas que desageitado! — exclamou Mathilde – Veja se acaba com isso.

E puxando um pouco as saias, estendeu mais o pé, um pé muito bonito, muito *cambré*, deixando ao mesmo tempo ver entre os recortes bordados d'umas saias muito brancas o principio d'uma perna adoravelmente torneada. Carlos pegou cautelosamente no pé, e a tremer, nervoso, excitado, calçou-lhe o sapato. O perfume que se escapava das saias estonteara o, dera-lhe uma sensação que nunca o incenso lhe causara. Quando se levantou estava muito corado; as faces esbraziavam-lhe. Ella sorriu-se Até casa não deram mais palavra.

Depois do jantar, os dois ficaram sós a mesa, a conversar.

Mathilde, nos primeiros dias em que chegara a Alemquer, não prestara grande attenção ao sobrinho do vigario; mas depois notara que Carlos era esperto, conversava bem, e não apresentava beatices em excesso. No seminario lêra romances a occultas; conhecia muito Flaubert, discutia Zola e até recitara uma vez uns versos de Richepin.

Junto d'elle não sentia o acanhamento que, esperava, um aspirante a padre lhe devia inspirar. Duas vezes surprehendera um esplendor extranho no olhar de Carlos pousando no seu, mas rapido, tão rapido como um fuzilar de relampago. E pensava: —Se elle me não dedicasse só um sentimento de amisade, como seria extraordinaria a minha situação! Amar um padre! A Egreja supplantada! O Christo vencido!

. . . .

N'aquella tarde estiveram por mais tempo conversando.

Quando deram Ave Marias, o vigario appareceu á porta, e Carlos seguiu-o.

Pela cabeça estonteada de Mathilde começavam a passar idéas d'uma extravagancia soberba: phantasiava amores de sachristia, tornando-se beata viciosa; depois punha de lado essa idéa, via-se vencendo em Carlos o amor pela religião e sorria-se com uma alegria muito intima, um orgulho muito idiota.

Começava a juntar na sua imaginação as feições d'elle, e achava-o bonito, um typo muito varonil, muito capaz de inspirar amor. E jurava que principiava a estar apaixonada por elle. Era um escandalo bem sabia, mas ella não era a culpada. Deixavam-a só, todo o dia, com elle; o pae estava sempre a discutir com o vigario. Além d'isso ella tinha 18 annos e elle 22. Que admiração!

E deixou-se ficar á mesa, com a cabeça entre as mãos, a pensar n'aquella paixão fatal que o destino lançara no seu caminho.

Só d'ahi a meia hora é que se levantou. Foi passear para a horta, e, sem dar por isso, atravessou a vinha e chegou ao trigal.

No caminho foi surprehendida pela noite e voltou para traz, quasi a correr, tolhida de medo.

Quando chegou ao pequeno jardim da casa, já o luar alagava os canteiros; umas estrellas muito pequenas esmaltavam o ceu; havia uma serenidade de convento; uma aragem tepida roçava voluptuosamente pelas faces.

No banco de pedra, ao lado da porta de entrada, estava o sobrinho do vigario.

Ella viu-o, logo que entrou no jardim; demorou-se a fital-a com um olhar ardente durante alguns segundos, e, chegando-se depois resolutamente a elle, disse-lhe:

– Deixe a vida de padre; é uma tolice.

—Tolice! não o creio;—respondeu Carlos, atordoado com aquella phrase á queima roupa, completamente imprevista.

—Sim, tolice. O sr. é um rapaz muito novo, cheio de vida, sympathico, que pode nutrir mil esperanças. Deixe de ser padre. Depois—quem sabe?—talvez um dia se apaixone!

—Eu! Já o estou, pela minha religião, a religião encarada debaixo do seu verdadeiro ponto de vista, sem exaggeros prejudiciaes, sem pompas escusadas.

—Já vejo que não pode ser um bom padre. Não crê no que defende, precisa attenuantes para alguma falta futura. Ora ima-

A ESTATUA DO MARQUEZ DE SÁ DA BANDEIRA

gine que uma mulher como eu, perdôe-me a vaidade, bonita, um tanto intelligente, se apaixonava pelo sr., o que faria, o que lhe diria *Vossa Santidade?*

—Afastava-me d'ella, que a communicação engana mil vezes com a sua falsa doçura, e...

—E deixava-lhe a capa de castidade nas mãos! – interrompeu Mathilde rindo.—Conheço a historia; mas perdão, que ignorava ter em minha presença o novo José... de Alemquer!

—Escarnece, minha senhora? sujeitar-me-hei.

—Mas se o sr. a amasse?

—Não poderia amal-a, desde o momento em que todo eu me concentrasse no meu Deus.

—E se ella lhe dissesse: Eu amo-te, Carlos!—interrompeu bruscamente Mathilde, approximando-se cada vez mais d'elle. Sem ti a vida é para mim um impossivel. Vivo por ti e para ti; o teu olhar faz-me mal, mas, embora queira, não posso fugir d'elle. A tua voz é um canto de amor que me enebria e entontece, despertando-me desejos desconhecidos!

—Mas, minha senhora!

—Diga-me Carlos. Se uma mulher lhe dissesse: repousa a tua cabeça junto do meu peito, quero que a ardencia que te incendeia o cerebro me queime o coração, como o sol queima as flores ao mesmo tempo que lhes dá vida.

—Essa paixão—replicou Carlos—simples impulso da natureza, devia conter em si o desejo e a razão. Se a minha razão fosse fraca para prevalecer n'essa lucta, invocaria o meu Deus, e elle afastaria o meu espirito d'esse amor terrestre e fatal para a comprehensão do amor divino!

—E ella responder-lhe-ia, meu padre: Tu invocas o teu Deus para fugires de mim, e eu, invocando-o, n'elle proprio te vou encontrar. Tu para achares o teu Deus tens necessidade de invocal-o; eu não preciso de invocar o meu, que és tu. Vejo-te em toda a parte: quando o vento geme ali pela quebrada ou as aguas deslisam além pelo ribeiro, ouço a tua voz dizendo-me phrases de amor; se debaixo dos meus pés estalam as folhas, ou os ramos gemem nos troncos das arvores, sinto os teus passos: se na calada da noite sons longiquos se perdem no espaço, ouço palpitar o teu coração. Se, arreceiando-me d'este amor—como tudo que é grandioso assusta—, eu tento fugir-te, logo te vejo na minha imaginação surgir mais bello; se de novo te fujo, de novo a tua imagem me persegue! E n'essa lucta terrivel, em que a paixão se confunde com a dôr, eu sinto-me desfallecer, sentindo tambem o teu halito quente a queimar-me os labios, o teu olhar a encher-me de amor, os teus braços apertando-me a ti! Como, ao despertar d'esse sonho querido, eu quereria dizer-te:—Sou tua, só... Mas perdão, Carlos! Que loucura a minha! Perdão!

E cahiu com a cabeça sobre os joelhos do sobrinho do vigario, soluçando convulsa, como penitente exhausta de confissão de crime de ha muito tempo occulto

(Conclue no proximo numero).

EDUARDO SCHWALBACH LUCCI.

AS NOSSAS GRAVURAS

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

E' redactor do *Conimbricense*; edita-o, administra-o, responsabilisa-se por elle, escreve-o todo—folhetim, artigo do fundo, excavações historicas, noticiario, e depois de o ter escripto, cinta-o até!

Quando não houvesse outros titulos, quando não possuisse outras qualidades, bastava este facto para affirmar uma individualidade poderosa e evidente.

Não temos á mão apontamentos para fazer a biographia de Martins de Carvalho, nem os procurámos.

Sabemos que no periodo de 40—n'esse decenio em que o principio da auctoridade se inutilisou pelo despotismo—Martins de Carvalho padeceu pela liberdade, por aquella reacção que em 1851 iniciou o periodo de paz em que os homens da nossa edade se educaram nas noções positivas do governo dos povos, fortalecendo-se na comprehensão de que nada ha melhor, para garantir as conquistas do progresso, do que a ordem, que, sendo a paz, é a estabilidade.

Sabemos que na rua do Visconde da Luz, de Coimbra, exercia Martins de Carvalho a profissão de latoeiro de folha amarella; que as luctas politicas do tempo pozeram em acção a sua individualidade excepcional; e que, rompendo por entre a turba, abrindo alas, rasgando caminho, illustrando-se pelo seu esforço, passando dias nas bibliothecas, dias que sommam annos, archivando em cada hora um facto, não descançando um só momento, conseguiu ser o que hoje é: o primeiro investigador portuguez, o homem que mais completamente conhece a nossa historia contemporanea, o guia dos que philosopham e generalisam, o auxiliar de todos os bons obreiros que se propõem tratar de politica, de litteratura, de bibliographia, de jornalismo.

Outros ha que veem mais ao longe, e até longe de mais; outros ha que sobre um facto, mal averiguado, assentam theorias absolutas e abstrusas; outros ha que sujeitam esses factos ás suas paixões; outros ha, emfim, que na serie historica sómente veem o que lhes convém, o que lhes serve ao interesse da facção.

Martins de Carvalho, no estudo dos factos, na averiguação das datas, na minuciosidade, no cuidado que põe em conhecer a verdade dos acontecimentos, nunca foi um preoccupado. E assim é, por vezes, um desmancha prazeres de vaidades e orgulhos. Com uma data desmancha uma generalisação do sr. Theophilo Braga, por exemplo.

Martins de Carvalho é uma individualidade que honra a patria e principalmente a classe do jornalismo portuguez.

O IMPERADOR DA RUSSIA

O actual imperador da Russia, Alexandre III, nasceu em 10 de março de 1845 e casou a 9 de novembro de 1866, com a princeza Maria Sophia Frederica Dagmar, da Dinamarca, irmã do rei da Grecia e da princeza de Galles.

O czar da Russia é dotado d'uma intelligencia natural muito viva e tem-se mostrado sempre á altura da missão de soberano, que lhe coube por morte de seu pae, o imperador Alexandre II.

Alexandre III foi coroado em Moscou, a 27 de maio de 1883, realisando-se por essa occasião, na capital do imperio, festas esplendidas e ruidosas.

O IMPERADOR D'AUSTRIA

Francisco José I, imperador da Austria e rei apostolico da Hungria, nasceu a 18 d'agosto de 1830; é filho do archiduque Francisco Carlos, e succedeu a seu tio o imperador Fernando I, em virtude da abdicação de 2 de dezembro de 1848 e da renunciação de seu pae, o archiduque Francisco Carlos, a succeder na corôa. Foi coroado rei da Hungria a 18 de junho de 1867, e casou a 24 d'abril de 1854 com a imperatriz Izabel, nascida a 24 de dezembro de 1837, filha de Maximiliano, rei de Baviera. Tem tres filhos: a archiduqueza Gisella, que nasceu em 1856;—o archiduque Rodolpho, herdeiro do throno, que nasceu em 1858;—e a archiduqueza Maria, que nasceu no anno de 1868.

PARA QUE SERVE UM «TERRA NOVA»

Serve para muito, e tem talvez mais variadas aptidões que o proprio homem. Instincto mais generoso sabemos nós que elle tem. Hoje salva de morte certa um pobre naufrago quasi a sumir-se na voragem; amanhã um misero viandante que se aventurára sobre montanhas de gelo. E quando não faz isto ou coisa semelhante, desempenha o duro serviço de transporte em que a nossa gravura o representa, sempre acariciador e sempre meigo, lambendo as mãos de quem o flagella.

A ESTATUA DO MARQUEZ DE SÁ DA BANDEIRA

A estatua do valoroso general, inaugurada na praça de D. Luiz, de Lisboa, é de bronze, e foi fundida na fabrica de Alexandre Nelli, em Roma.

Assenta sobre um pedestal, em que se vêem representados dois factos notaveis da vida do illustre soldado.

Debaixo de cada um d'estes quadros symbolicos está um leão de bronze, moribundo.

Na face que olha ao Tejo vê-se uma escrava ensinando a um tenro filho, que ampara nos braços, (trabalho em bronze) o nome do general, que fôra para ambos origem da liberdade que disfructavam.

Na face opposta, onde se lê o seguinte distico:—*Por subscripção publica, inaugurada em 1884*, vê-se uma formosissima estatua da Historia (tambem em bronze) inscrevendo nos seus annaes os fastos que illustraram a existencia do valente soldado.

A estatua representa o nobre marquez, fardado de tenente-general, empunhando o estandarte da liberdade, sob o qual se abriga um *genio* com um facho de luz na mão.

E' esta a obra que mais honra o infortunado artista Giovanni Ciniselli, que não chegou a ver completamente concluido o seu excellente trabalho.

DIOGENES

BUSTO EM BRONZE, PELA SR.ª DUQUEZA DE PALMELLA

A gravura que hoje apresentamos, representa um bello busto de *Diogenes*, esplendida obra de esculptura feita por uma illustre

fidalga portugueza—a sr.ª duqueza de Palmella, e exposta ha dois annos no *Salon* de Paris, onde, como se sabe, apenas são admittidos trabalhos artisticos d'um valor real e indiscutivel.

Todos os jornaes illustrados francezes reproduziram em gravura o magnifico busto, premiado pelo jury do *Salon*, consagrando á sua talentosa auctora artigos encomiasticos e laudatorios.

A *Illustração Franceza* chamou ao *Dugen's* da sr.ª duqueza de Palmella «obra de uma arte segura dos seus meios», acrescentando:

«O jury fez justiça a todos as qualidades que distinguem o talento da sr.ª duqueza, premiando o seu trabalho, que prova que em Lisboa existem ainda as tradições d'uma arte sã e segura.»

Como se vê, lá fóra presta-se homenagem aos talentos artisticos de eleição, que, como o da sympathica e nobre fidalga portugueza, são dignos de tal honra.

Aqui, nem sempre succede outro tanto: amesquinha-se muitas vezes o que é grande e bom, para se exaltar, por meio da *réclame* inconsciente, o que não passa de mediocre e banal.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS

NOVISSIMAS

A aldeia d'este homem tem um magistrado—2—2.
Possuir o que está distante equivale a ruina—1—3.

J. F. B.

Este homem fluctua na Italia—1—2.
E' gentil esta senhora na botica—2—2.
Nota que na garganta e em Aveiro faz parte d'uma corporação—1—1—2.
Na oração, achando-se isolado é loquaz—2—1.
E' verbo, instrumento e animal terrivel—1—2.

XAVIER RODRIGÃO.

EM VERSO

(A José Dias Vellozo, a quem o auctor offerece como premio, caso a decifre no praso de 8 dias, a collecção do *Gabinete de Leitura*)

Sou baixo, sou pequeno; mesmo anão,
Ao ir retribuir-lhe, meu Vellozo,
A sua rendilhada producção.
Mas, visto que é dever, é-me forçoso
Que a pague, pr'a não ser um caloteiro,
E *mais tarde*, talvez, um criminoso.—2
Porque isto corre mal. Pois o dinheiro
Não se arranja por certo á boa vida,
Na forja de qualquer reles ferreiro
E' mister trabalhar, pois só na lida,
S'encontra muitas vezes o socego,
Que por certo não ha lá na Avenida.
Podem até dizer que sou morcego,
Por só sair de noite... Pouco val',
Ou que digam ser eu moço d'um cego,
Que toda a vida passo sem real.
Isso pouco m'importa. Pois bem sei
Que no mundo todo o ente é *animal*.—2
Apesar d'animal tambem ser rei,
E n'esta classe tem feroz leão,
Pr'a todos os que são da sua grei!
Terminando, digo pois:—cidadão!
Cumprida fielmente foi a lei,
Retribuindo a *vossa producção*.

Vizeu. PEQUENO ANTONINHO.

CHARADA CONIMBRICENSE

Na primeira vertical
ver-se-ha uma occorrencia;
na segunda vertical
uma carta de sciencia.

A primeira horisontal
é movel indispensavel,
e a segunda horisontal
alimento confortavel.

A primeira diagonal
é vegetal conhecido;
na segunda diagonal
ver-se-ha um appellido.

CHARADA ELECTRICA

A's direitas, animal
desdentado.
A's avessas, p'los rapazes
mui jogado.

Castello Branco. A. MERUJE.

LOGOGRIPHOS

(Por lettras)

Já viveu, no paraizo,—4, 6 10, 5
este poeta eminente,—6, 1, 8, 9, 4
onde havia, antigamente,—6, 7, 5, 9, 4, 2
um bem conhecido monte.—4, 9, 5, 1
E é tão minguada e mesquinha—10, 2, 3, 7, 2, 2, 1
que, depois de já ser planta,—2, 10, 5, 4
foi, n'outro tempo, uma santa,—1, 5, 8, 1
que appareceu junto da fonte.—5, 7, 2, 3, 10, 8, 9, 4

E eis aqui está
á vo d'oiseau
o que foi já
meu velho avô.

Pois que elle, amigo
e caro leitor,
foi meu antigo
antecessor.

Castello Branco. A. MERUJE

(Ao distincto charadista Pequeno Antoninho)

Quando fui ver meu parente,—7, 6, 3, 4
Que tinha ido á cidade,—5, 4 7, 2
Deparou-se-me este jogo—5, 2, 1, 6
Dirigindo a christandade.—1, 8, 1, 2

Depois que a aurora desponta
E nasce o sol radiante,
Minhas campinas douradas
Dão-me *um quadro deslumbrante*.

J. VELLOZO

CARTA ENIGMATICA

Minha boa amiga
1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18

Vou dar-te uma noticia alegre, que vae de certo modificar o estado de abatimento moral que ha muito te mortifica.

Espirito culto como é o teu, genio alegre e alma atreita a enlevar-se nas phantasias da juventude, surprehende ver-te—11, 1, 10, 6, 3 16, 7, 14, 12 e gentil amiga—colhida por tão sublime paixão!

Martyrisa-te a idéa de haver uma ditosa 16, 9, 4, 6, 2, decantada qual Leonor do... Dante, e que já viste bem feliz, o que muito mais exacerbou o teu amor não comprehendido—confessaste!

14, 13, 10, 11, 12 bem os arcanos da tua alma, espera e crê. Não te deixes vencer por tão acerba 11, 18, 16, e o teu céo côr de 6, 10, 5, 2 se desanuviará substituindo essa 11, 1, 9, 11, 6 allucinação pelo mais completo 15, 8, 4, 17, 11, 7.

Em breve nos encontraremos em casa do visconde do... e dir-te-hei então o que sei a respeito do 14... que já regressou da provincia, e se como espero elle alli fôr em occasião que não vem longe, e memoravel para ti, dir-te-hei a conducta que tens a seguir.

Esta ultima parte é a nota alegre que no principio d'esta carta te prometti.

Tua sincera amiga
12, 2, 14, 9, 16, 6

Lisboa—Fevereiro de 1886.

PROBLEMA

A que horas se verificam os diversos encontros dos dois ponteiros d'um relogio?

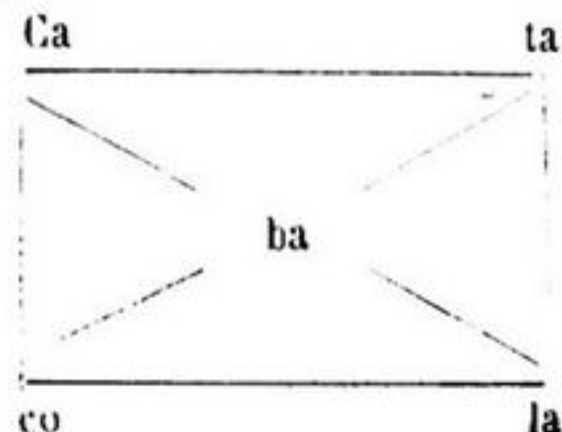
MORAES D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS NOVISSIMAS:—Barcarola—Camarim—Catarata—Lancha—Eufemia—Victoria—Canamo.

DIOGENES

(BUSTO EM BRONZE, PELA SR.ª DUQUEZA DE PALMELLA)

DA CHARADA CONIMBRICENSE:—

DOS LOGOGRIPHOS: – Carapeteiro – Caridade.

DO PROBLEMA:

O atrazo do relogio por hora é $\frac{1}{30\times 24} = \frac{1}{720}$ da hora, e por consequencia cada hora corresponde no relogio a $1 - \frac{1}{720} = \frac{719}{720}$ da hora, e x horas a $\frac{719}{720}\times x$; logo deve ser $\frac{719}{720}\times x = 7+24+24+8$, ou $\frac{719}{720}\times x = 63$, e por tanto $x = \frac{720}{719}\times 63$. Fazendo o calculo, acha-se $x = 63^{h}\ 5'\ 15''$, d'onde se conclue que no dia 25 d'abril, quando o relogio marcar 8 horas da manhã, serão $8^{h}\ 5'\ 15''$.

EXPEDIENTE

Adivinharam o logogripho a premio do nosso ultimo numero, os ex.mos srs. José Antonio Antunes, de Leiria, Julio de Carvalho Vasques, do Porto, e Antonio Telles Machado Junior, de Lisboa.

*

Escreve-nos o ex.mo sr. Theophilo Joaquim de Sousa Lobo de Russell, de Borba, a proposito d'uma noticia publicada em um dos nossos artigos *Curiosidades*, dizendo que nem só Haydn compoz missas aos 13 annos.

Segundo refere aquelle cavalheiro, um seu filho, creança intelligentissima, de dez annos, acaba de compôr uma missa a tres vozes, com acompanhamento de orgão, que está á disposição de quem a quizer examinar, e que é sobremodo notavel.

Registrando de boamente este facto, enviamos d'aqui os parabens ao sr. Russell e ao esperançoso compositor borbense.

Pequena correspondencia

D. MARIA DA SILVA — VILLA VIÇOSA—A redacção só recebeu o bilhete postal de V.ª Ex.ª quando o numero do jornal já tinha entrado na machina. Por esse motivo não incluiu o seu nome entre os decifradores do logogripho *electro-dynamica*

Está satisfeita?

A RIR

A baroneza de R... tem feições encantadoras. Comtudo, é de justiça reconhecer que o seio tem um desenvolvimento um tanto exagerado.

—E' encantadora! dizia um dos seus admiradores. Basta vel-a para se conhecer que é uma dama de qualidade.

—E sobretudo de *quantidade*, apressou-se a acrescentar a melhor amiga da baroneza.

*

Madame V., senhora de tempo antigo, e sua filha, menina do tempo moderno, reunem á sua meza sete ou oito rapazes. De repente um d'elles começa a rir.

—O que é isso? pergunta outro.

—Uma anedocta que me veio á memoria, e que só póde contar-se diante de homens.

Mademoiselle V. exclama immediatamente:

—Vá lá para fóra, mamã!

UM CONSELHO POR SEMANA

E' muito difficil, fazer desapparecer inteiramente um callo; tão difficil, quasi, como resolver a questão de fazenda. Todavia, póde-se extirpal-o pouco a pouco e suavisar as dores que occasiona, cobrindo-o com um emplastro preparado com as substancias seguintes:

Cera amarella.....	4 partes
Pez branco.... ..	2 »
Terebenthina......	1 parte
Verdete..	1 »

No fim de algum tempo, o callo flagellador terá deixado de doer.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO», TRAVESSA DA QUEIMADA 35, LISBOA